

## Indicador de emprego da FGV tem 7ª queda seguida

O Indicador Antecedente de Emprego (IAEmp), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), caiu 3,3 pontos em setembro, o sétimo mês consecutivo de queda, disse a FGV em relatório publicado ontem. Com o resultado, o indicador atinge 91,0 pontos, menor nível desde dezembro de 2016 (90,0 pontos).

A queda do IAEmp ocorreu em seis dos sete indicadores que o compõem, com destaque para o que mede o emprego local futuro da Sondagem do Consumidor, que caiu 6,8 pontos entre agosto e setembro.

Já o Indicador Coincidente de Desemprego (ICD) aumentou 1,3 ponto em setembro, para 97,3 pontos, maior nível desde dezembro passado (100,3 pontos). O ICD é um indicador com sinal semelhante ao da taxa de desemprego, ou seja, quanto menor o número, melhor o resultado.

As classes de renda que mais contribuíram para o aumento do ICD foram as dos grupos de consumidores que auferem renda familiar entre R\$ 4,8 mil e R\$ 9,6 mil; e acima de R\$ 9,6 mil, cujos indicadores de Emprego (invertido) variaram 1,8 e 1,7 ponto, respectivamente.

"A queda no Indicador Antecedente de Emprego (IAEmp) reflete a elevada incerteza quanto ao crescimento da atividade econômica futura do Brasil e, portanto, quanto à geração do emprego", afirma Fernando de Holanda Barbosa Filho, economista da FGV IBRE, em comentário no documento.

"O Indicador Coincidente de Desemprego (ICD) encontra-se estável, porém em nível elevado. Isso sinaliza o momento de dificuldade no mercado de trabalho enfrentado pelos trabalhadores, apesar da lenta redução observada na taxa de desemprego."

A próxima divulgação dos Indicadores de Mercado de Trabalho da FGV será em 8 de novembro.

# INFORME

## Produtividade do trabalho na indústria subiu 4,3% no ano passado, aponta CNI

*Por Juliano Basile*

A produtividade do trabalho na indústria brasileira cresceu 4,3% entre 2016 e 2017 e ficou 2,3% superior à média dos principais parceiros comerciais em relação ao ano anterior. A conclusão é da Confederação Nacional da Indústria (CNI) em pesquisa na qual compara o desempenho brasileiro com a média de Estados Unidos, Argentina, Alemanha, México, Japão, França, Itália, Coreia do Sul, Holanda e Reino Unido. O avanço de mais de 4% da produtividade da indústria de transformação no Brasil só não foi maior que a apresentada pela Coreia do Sul, que cresceu 5,8%. Já a Holanda apresentou desempenho semelhante: 4,2%. Em seguida aparecem Argentina, com 3,8%, e Japão, com 3,3%. A produtividade do trabalho é medida como o volume produzido dividido pelas horas trabalhadas para produção.

A economista Samantha Cunha, da CNI, afirma que é preciso que o Brasil avance ainda mais nessa medida. "Apesar do ganho que tivemos nos anos mais recentes, a competitividade continua sendo um importante desafio para a indústria brasileira e depende da superação de dificuldades como aumentar a qualidade da educação no país e o investimento em ciência e tecnologia", disse ela. No acumulado da última década, entre 2007 e 2017, a produtividade do Brasil comparada com a média dos países parceiros ainda mostra uma queda de 1,8%.

A CNI estima que a greve dos caminhoneiros reduziu a produtividade do trabalho na indústria brasileira em maio. De acordo com entidade, a queda foi de 3,4% no segundo trimestre em comparação com o primeiro trimestre deste ano. E em outros anos, como em 2016, esse indicador aumentou no segundo trimestre. "A tendência não é manter um crescimento forte, mas esse resultado é atípico, pois refletiu a greve dos caminhoneiros no mês de maio", afirmou Samantha Cunha. "O que observamos, desde o segundo trimestre de 2016, é uma recuperação da produtividade do trabalho na indústria brasileira", disse a economista. "Se a gente compara o primeiro trimestre de 2016 com o segundo de 2018, ainda vemos um aumento de 5,5% da produtividade do trabalho na indústria de transformação brasileira."

A expectativa é que o indicador de produtividade volte a refletir nos próximos trimestres o aumento de eficiência que foi observado desde 2016. "Nós não podemos dizer que a tendência mudou e que a indústria deixou de ser eficiente", disse Renato Fonseca, gerente-executivo de Pesquisa e Competitividade da CNI. "Estava havendo, de fato, um crescimento, influenciado pela crise econômica, que havia forçado as empresas a ficar mais eficientes, a reduzir custos, e que também forçou o trabalhador a ser mais eficiente para não perder o emprego", completou.

(Fonte: Valor Econômico – 10/10/2018)

2